SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada

Radu Lupu

piano

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

apresenta

Radu Lupu

piano

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

patrocínio

Banco Safra
Projeto Cultural

promoção

Radu Lupu

O romeno Radu Lupu iniciou seus estudos de piano aos seis anos de idade, com Lia Busuioceanu, e estreou aos doze, apresentando-se em público com um programa completo de músicas de sua autoria. Aluno, por muitos anos, de Florica Muzicescu e Cella Delavranca, em 1961 foi agraciado com bolsa de estudos para prosseguir sua formação musical no Conservatório de Moscou, onde estudou com Galina Eghyazarova, Heinrich Neuhaus e Stanislav Neuhaus.

Vencedor do Primeiro Prêmio em três dos mais importantes concursos internacionais de piano – *Van Cliburn* 1966, *Enescu International* 1967 e *Leeds International* 1969 –, Radu Lupu tem tocado com virtualmente todas as principais orquestras e melhores regentes do mundo. Dentre os pontos altos de sua carreira destacam-se aparições junto à Orquestra de Cleveland (regência de Barenboim) e à Sinfônica de Chicago (regência de Giulini), concertos com a Filarmônica de

Berlim (com a qual fez sua estréia no Festival de Salzburgo de 1978, sob regência de Karajan) e com a Filarmônica de Viena (na abertura do Festival de Salzburgo de 1986, regência de Muti) e, ainda, apresentações com a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã e com todas as grandes orquestras de Londres e dos Estados Unidos.

Presença assídua nos mais prestigiosos festivais de música do mundo todo, Radu Lupu é também o autor de extensa e premiada discografia. Dentre suas gravações destacam-se: Integral dos Concertos para Piano de Beethoven (com a Filarmônica de Israel regida por Zubin Mehta); Concertos de Mozart; Concertos de número 1 de Brahms, Grieg e Schumann; Integral das Sonatas de Mozart para Violino e Piano, com Szymon Goldberg; Obras para Piano Solo de Beethoven, Brahms, Schumann e Schubert; e dois álbuns contendo peças para dois pianos, ao lado de Murray Perahia. Em 1995, Radu Lupu foi agraciado com o *Grammy Award* de Melhor Álbum Instrumental do Ano (por sua gravação da Sonata em Lá maior D.664 e da Sonata em Si bemol maior D.960, de Schubert) e com o *Edison Award* de Melhor Álbum Instrumental do Ano (pelo registro de *Kinderszenen*, *Kreisleriana* e *Humoresque*, de Schumann). Em 1997, o pianista lançará o álbum que gravou ao lado de Daniel Barenboim, contendo obras de Schubert para piano a quatro mãos.

Programa

5 DE JUNHO – QUINTA-FEIRA, 21H

Primeira Parte

JOHANNES BRAHMS (1833 – 1897)

Fantasias Opus 116

Capriccio (*Presto energico*), em Ré menor
Intermezzo (*Andante*), em Lá menor
Capriccio (*Allegro passionato*), em Sol menor
Intermezzo (*Adagio*), em Mi maior
Intermezzo (*Andante con grazia ed intimissimo sentimento*), em Mi menor
Intermezzo (*Andantino teneramente*), em Mi maior
Capriccio (*Allegro agitato*), em Ré menor

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 – 1827)

Sonata nº 31 em Lá bemol maior, Opus 110

Moderato cantabile molto espressivo
Allegro molto
Adagio ma non troppo – Allegro ma non troppo

Segunda Parte

FRANZ SCHUBERT (1797 – 1828)

Sonata para Piano em Si bemol maior, D.960

Molto moderato
Andante sostenuto
Scherzo (*Allegro vivace con delicatezza*)
Allegro ma non troppo

PRÓXIMAS APRESENTAÇÕES

Os Virtuoses de Moscou

Vladimir Spivakov, *regência e violino*

23 DE JUNHO

PROKOFIEV – Visões Fugitivas, Opus 22

HARTMANN – Concerto Fúnebre para Violino e Orquestra de Cordas

MOZART – Divertimento para Cordas em Ré maior, K.136

MOZART – Sinfonia Concertante para Violino, Viola e Orquestra, em Si bemol maior, K.364

24 DE JUNHO

ARVO PÄRT – *Cantus in Memoriam Benjamin Britten*

ARVO PÄRT – *Fratres* para Violino e Orquestra

SHOSTAKOVICH – Sinfonia de Câmara, Opus 110 bis

MOZART – Sinfonia Concertante para Violino, Viola e Orquestra, em Si bemol maior, K.364

25 DE JUNHO

HAYDN – Concerto para Violino nº1 em Dó maior, Hob. VIIa-a

SCHNITTKE – *Suite in an old style*

STRAVINSKY – Concerto para Orquestra em Ré maior

RODION SCHEDRIN – *Photos from Russia*

SHOSTAKOVICH – Elegia e *Polka*

Johannes Brahms (1833 – 1897)

Fantasias *Opus* 116

Menino-prodígio que, aos 10 anos, já dominava o piano de maneira virtuosística, Brahms desenvolveu carreira como intérprete desse instrumento. Ora como solista, ora como integrante de grupos camerísticos, chegou a ser considerado um intérprete brilhante de Schumann, Beethoven e Bach, antes de se dedicar inteiramente à sua própria produção.

A maneira de abordar o piano como intérprete influiu, muito naturalmente, na sua própria linguagem de compositor. Escrevendo para o instrumento, concebeu obras de sonoridades cheias onde os elementos verticais (acordes) e horizontais (melodias) são associados de maneira compacta, por vezes gerando uma intrigante polifonia. E por mais brilhantes que soem, suas peças para piano são movidas não pelo desejo de exibição virtuosística, mas pelas necessidades do desenrolar do discurso musical, fruto de um pensamento a um só tempo exigente e imaginativo.

As obras da juventude e da primeira maturidade de Brahms são geralmente em forma de sonata ou de ciclos de variações. No final de sua vida, voltou-se uma vez mais para o seu instrumento, depois de tê-lo deixado de lado durante 13 anos. As vinte peças (do *Opus* 116 ao 119) que escreveu durante suas férias de verão de 1892 e de 1893 – geralmente aforismos concentrados e de expressão intimista – constituem o seu testamento pianístico.

As Fantasias *Opus* 116 comportam sete peças distribuídas em dois cadernos e alternam caprichos e intermezzos. Aí dominam as tonalidades menores. O primeiro *Capriccio* (*Presto energico*) é uma página construída com grande economia de meios, na tonalidade de Ré menor. O *Intermezzo* (*Andante*), que vem em seguida, é uma meditação em Lá menor, serena e resignada. O segundo *Capriccio* (*Allegro passionato*), em Sol menor, dá a impressão de ser uma recordação da juventude do autor.

O segundo *Intermezzo* (*Adagio*), em Mi maior, tem o sabor de uma improvisação, ainda que se trate de um andamento polifônico solidamente construído. O *Intermezzo* seguinte (*Andante con grazia ed intimissimo sentimento*), de ambientação misteriosa, explora com sutileza o espaço sonoro ambiguamente tratado em Mi menor. O quarto *Intermezzo* (*Andantino teneramente*) alia o andamento de um minueto ao caráter grave de um coral, em uma escrita ricamente polifônica, em Mi maior. O *Capriccio* (*Allegro agitato*) final é um *scherzo* tumultuoso em Ré menor, com um trio central em Lá menor, que coloca um ponto final à coletânea em um sonoro Ré maior.

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Sonata nº 31 em Lá bemol maior, *Opus* 110

Não existe, na literatura pianística, nada que se compare ao ciclo das trinta e duas Sonatas que Beethoven destinou ao seu instrumento predileto. A sonata para piano sempre foi para o compositor um campo de experimentação – experimentação posteriormente aproveitada em outros gêneros (sinfonias, concertos, quartetos). Elas foram escritas entre 1795 e 1822, período de 27 anos em que Beethoven, já em Viena, para onde se transferira definitivamente em 1792, amadureceu enquanto homem e artista. Percorrendo todo o ciclo, pode-se perceber claramente as vias de seu pensamento, na medida em que as sonatas constituem uma espécie de diário musical que relata a evolução estética seguida pelo autor.

O musicólogo Wilhelm von Lenz propôs a distribuição das sonatas de Beethoven em três períodos ou "fases". A primeira (1795 – 1800) caracteriza-se pelas influências ainda marcantes de Haydn e Mozart, embora já se perceba claramente nessas partituras a assinatura, o estilo de Beethoven. A segunda (1800 – 1814), a mais prolífica de todas, foi marcada, no plano pessoal, pela progressiva surdez do compositor e por insucessos amorosos.

No plano estético, tem-se a aquisição de uma linguagem inteiramente pessoal e inovadora. Na terceira fase (1814 – 1822), quando os dramas pessoais são aguçados ainda mais, Beethoven escreve obras caracterizadas pela concentração do pensamento musical, que se traduz numa arte mais abstrata, densa e introspectiva. Esse é o momento do Beethoven francamente experimental, que nesse sentido talvez só possa ser comparado a Claudio Monteverdi e a Anton Webern.

A Sonata em Lá bemol maior, *Opus* 110, foi composta em 1819/20. Ela é bem característica do estilo tardio do autor: denota extrema liberdade de forma, amplos desenvolvimentos, utilização do procedimento cíclico (com temas

sendo gerados de um único tema básico) e emprego de recitativos dramáticos e de trechos fugados. Seu primeiro movimento, *Moderato cantabile molto espressivo*, conta com três motivos salientes que são transfigurados durante o desenrolar do discurso. O movimento central, *Allegro molto*, em Fá menor, tem o espírito de um *scherzo* e joga com contrastes de toda ordem. O movimento final, *Adagio ma non troppo – Allegro ma non troppo* (Fuga) é o mais longo e complexo da partitura.
Suas quatro seções alternam ariosos a fugas e, metaforicamente, exibem todo o drama dessa alma que foi uma das mais libertárias de toda a história da música.

Franz Schubert (1797 – 1828)

Sonata para Piano em Si bemol maior, D.960

Schubert fez do piano, que tratava com uma escritura sempre muito transparente, o veículo perfeito para a extroversão dos seus mais íntimos estados de espírito. E ao encará-lo como um confidente de todas as horas, nunca sentiu a necessidade de transformá-lo em um exibicionista solista de concerto ou em personagem de peças que revelassem demasiado e desnecessário virtuosismo. Na sua longa série de sonatas destinadas ao instrumento, na qual há várias obras-primas inacabadas, Schubert destilou um lirismo inteiramente seu e original, que apenas muito depois da sua morte foi enfim reconhecido como algo único. Até mesmo hoje são poucos os pianistas que se atrevem a incluir em seu repertório algumas dessas sonatas que, apesar de extraordinariamente belas, não costumam colher aplausos frenéticos.
A Sonata em Si bemol maior foi a última obra instrumental de Schubert, que morreria algumas semanas depois de tê-la escrito, no final de setembro de 1828. O lirismo e a serenidade presentes em muitas de suas páginas – os três primeiros movimentos da partitura começam e terminam em um pacificador pianíssimo – não apontam, contudo, para o prematuro e trágico fim do autor. Ao contrário: o equilíbrio interno dos seus quatros movimentos, a mágica aliança alcançada com o seu encadeamento e, acima de tudo, o extraordinário domínio formal exercido sobre o arquétipo da sonata são provas incontestáveis de afirmação de vitalidade criativa – de vida, enfim. Por seu recorte seguro e corajoso, que inclui muita invenção, bem como por sua expressividade sutil e interiorizada, esta partitura se coloca dentre as mais perfeitas de sua época.
O *Molto moderato* inicial mostra quatro vezes o comovente tema principal, logo associado a um motivo mais aparentado a ele do que contrastante. A partir deles e de outras idéias subsidiárias o compositor organiza o discurso em forma-sonata que, entretanto, possui o sabor de um improviso. O *Andante sostenuto* em Dó sustenido menor tem a forma *Lied* (A – B – A) e a aura de uma desolada canção sem palavras. O *Scherzo*, um *Allegro vivace con delicatezza*, é de caráter fantástico, quase imaterial. O rondó final, *Allegro ma non troppo*, tem três temas principais e é batizado por uma espécie de "sinal sonoro", um oitava na nota Sol, que volta várias vezes, associado ao motivo de recorte vivaz que domina o movimento com uma agilidade que parece não ter fim.

Edição Rui Fontana Lopez
Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. Almeida
Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde
Crédito da foto Decca/Mary Robert
Traduções Maria Cláudia Fittipaldi
Fotolitos e impressão OESP Gráfica

Ligando para (021) 253-3461, você recebe um exemplar de VivaMúsica! inteiramente grátis.

(Mas por favor, nada de celular dentro do teatro).

Na revista VivaMúsica!, o amante dos clássicos encontra todas as informações para se manter sempre atualizado. Entre elas, uma agenda nacional e internacional com os principais eventos, entrevistas exclusivas com destaques do mundo da música, apreciação crítica dos principais lançamentos em CD, vídeo e CD-ROM, a opinião de personalidades do meio musical e a colaboração dos mais importantes especialistas do país. Além disso, o assinante de VivaMúsica! participa de diversas promoções mensais e pode comprar e receber em casa os CDs do mês, selecionados pelos editores da revista. Ligue e peça seu exemplar. Mas espere a cortina fechar para não atrapalhar o espetáculo.

Av. Rio Branco, 45/1401 - CEP 20090-003 - RJ
Fax: (021) 263-6282
Internet: http://www.brazilweb.com/vivamusica/

VivaMúsica!

A revista dos clássicos.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Temporada 1997

Abril 8 – 18 – 22

Dame Kiri Te Kanawa, *soprano*

Abril 14 – 15 – 16

Collegium Vocale

Philippe Herreweghe, *regência*

Maio 20 – 21 – 22

Jean-Yves Thibaudet, *piano*

Junho 2 – 3 – 4

Orpheus Chamber Orchestra

Radu Lupu, *piano*

Junho 23 – 24 – 25

Os Virtuoses de Moscou

Vladimir Spivakov, *regência e violino*

Julho 2 – 3 – 4

Alban Berg Quartet, *cordas*

Agosto 27 – 28 – 29

City of Birmingham Symphony Orchestra

Sir Simon Rattle, *regência*

Setembro 15 – 16 – 17

Melos Quartet e Martin Lovett, *cordas*

Outubro 6 – 7 – 8

Gustav Leonhardt, *cravo*

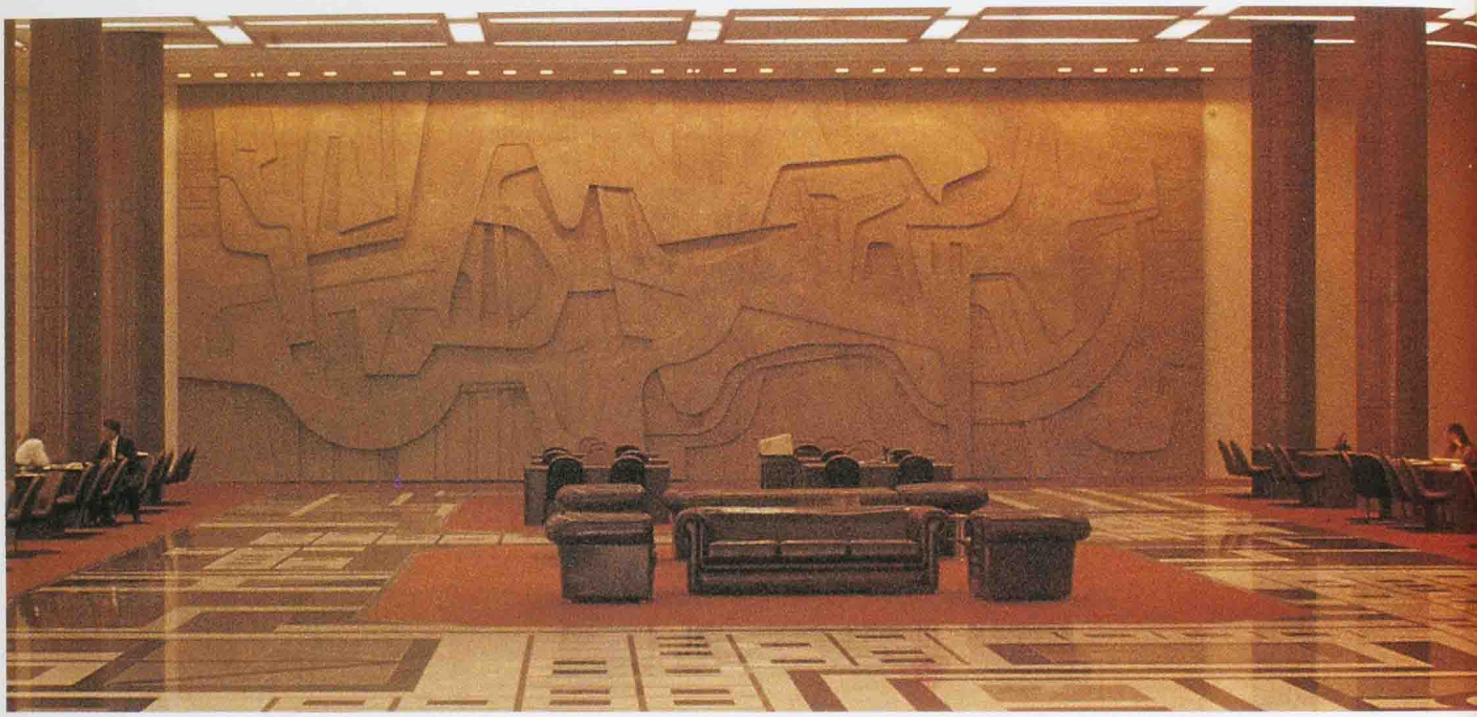
Novembro 11 – 12 – 13

Orchestre Philharmonique de Strasbourg

Theodor Guschlbauer, *regência*

Nelson Freire, *piano*

Ars longa, vita brevis.



Burle Marx, painel e piso.
Hall de entrada do edifício-sede do Banco Safra em São Paulo.

Tudo o que é feito com arte atravessa o tempo. Tudo o que o Safra faz, tem arte. Desde a arquitetura de sua sede e suas agências, até a maneira de prestar serviço aos clientes.

Porque arte é a busca da beleza e da perfeição - e isso é fundamental para a realização de bons negócios.

Banco Safra

Tradição Secular de Segurança